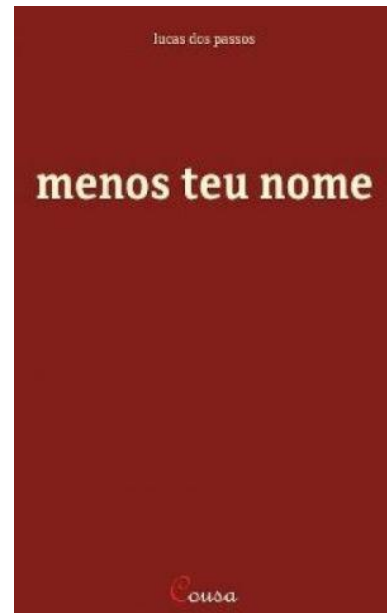


PASSOS, Lucas dos. *Menos teu nome*.
Vitória: Causa, 2016.

Régis Frances Telis*



A leitura de *Menos teu nome*, de Lucas dos Passos, leva-nos a um lugar singular: o espaço do texto é também o lugar de vivência do poeta, um eu lírico que, volta e meia, aparece como personagem, podemos nos arriscar a dizer, mas que, no mais, deixa um lugar de destaque ao próprio ideário estético construído. A tradição de se esconder atrás dos versos (ou dos óculos)

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

tem consonância com a estrutura mais objetiva que o poeta vai tecendo nos poemas desse livro. Quando nos referimos a “espaço do texto” como lugar privilegiado, queremos dizer o quanto o poeta se alicerça em uma tradição literária – não só pelo fato de optar na maioria dos poemas por uma organização mais sóbria, com seus versos octossílabos nos poemas mais curtos, os versos decassílabos nos diversos sonetos e nas estrofes bem distribuídas, o que nos faz acreditar em um ideal de concisão e contenção, mas que também esse lugar privilegiado é o da constituição da linguagem, da luta do poeta com as palavras. A própria exegese que o poeta faz do mundo exterior, recolhendo alguns elementos de sua predileção, é carregada de linguagem – parece que é através das palavras que Lucas dos Passos consegue atingir um ponto de permanência temporário (no nível do tema), e, de modo mais permanente, na construção acabada do poema. Para detalhar/mapear melhor a escolha do seu ideário estético, bem como para ilustrar a riqueza de imagens e as soluções logradas pelo poeta em seu livro, faremos um breve giro pelos versos, apresentando aos leitores a poética autoral de Lucas dos Passos. Antes, façamos uma breve apresentação do autor.

Lucas dos Passos (1989) é capixaba, natural de Vila Velha. É licenciado, mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo e, desde 2012, é professor do Instituto Federal do Espírito Santo, lecionando Língua Portuguesa, Literatura e Latim. *Menos teu nome* é seu livro de estreia, publicado em 2016, pela Editora Cousa. Antes, o autor havia publicado seus textos em revistas como *7faces*, *Mallarmargens* e no caderno “Pensar”, de *A Gazeta*. Passemos, pois, para a resenha do livro *Menos teu nome*.

O livro é dividido em três partes, “Menos teu nome”, “Em teu nome” e “Um ano”. Já falamos um pouco sobre a estrutura dos poemas, sobre o seu formato mais tradicional, apoiado em uma métrica mais regular, com um ritmo sóbrio e o apreço do poeta pela linguagem como ideário estético. Mas não é só. O poeta nos confunde com apostas que quebram as expectativas por ventura mais “etéreas” que pudessem surgir do aporte a um sistema mais tradicional de

poesia: a linguagem desce também aos elementos mais prosaicos, do cotidiano, selecionados com muita contenção, é verdade, mas selecionados. Vamos falar desses elementos que compõem o ideário estético do poeta e já destacamos, provisoriamente, que é justamente nos sonetos que Lucas dos Passos alcança o mais prosaico e lança ao leitor mais interrogações nos seus versos – são trinta e cinco perguntas feitas nos seus sonetos; perguntas ao leitor? A si mesmo? As possibilidades de leitura são variadas e parece que o poeta quer deixar esse espaço aberto para o preenchimento de lacunas, lembrando-nos da observação de Umberto Eco, de que todo o texto é uma máquina preguiçosa esperando que o leitor faça uma parte do seu trabalho.

Sem pretender esgotar todas as possibilidades de leitura, nem mesmo abarcar com uniformidade cada uma das partes do livro, em decorrência do espaço limitado, tencionamos dar uma visibilidade ao leitor que, quem sabe, não conhecendo ainda este livro de Lucas dos Passos, possa se interessar em conferir ele mesmo os versos deste autor capixaba. Assim, a imediata abertura do livro, com o poema “Joana”, que é precedido por uma epígrafe bem pertinente, de Paulo Leminski, leva-nos a refletir sobre o simulacro da “falta” de nome: é justamente onde há “Menos teu nome”, que mais abundantemente este se presentifica. O poeta nos apresenta logo de início o que está disposto a criar, no silêncio de sua biblioteca, uma fusão de autores/personagens/leitores: João e Ana se fundem nas páginas dos livros expostos na estante para dar lugar a uma nova personagem, que pode ser lida como duplo do leitor e um convite a degustar as constantes transformações que o poeta vai operar nos versos seguintes. É desse modo que surge “Joana”.

Uma vez posto ao leitor o campo de atuação do poeta, não é sem surpresa que o próprio futebol tome corpo em “A delicadeza do chute”. O poeta, tal qual um jogador, brinca com as linhas do traçado, as linhas do verso e as linhas do flerte. É muito interessante notar o lugar da mutabilidade nos poemas: o poeta é um expectador, isto é, tem expectativas, mesmo pequenas, ou aparentemente sem sentido, e por isso nunca desiste de jogar. Uma possibilidade de fixação são,

além do trabalho com a linguagem, do corpo do poema, os lugares tradicionais da poesia, como “a musa e a lira”, que aqui são retomadas como ícones de permanência em meio aos objetos mais cotidianos. Se o poeta para na rua e fixa os seus olhos de fotógrafo em “desenhos de pétalas” e “dentes de cactos”, como nos diz em seu poema, é, por outro lado, compensado por uma musa que quer descer ao chão no poema seguinte. Em outras palavras, as escolhas de itinerário, as escolhas das cores da paleta (o poeta também se traveste de pintor e escultor) indicam uma sensibilidade de olhar, amparada pela tradição, mas que faz ecos com coisas mais simples do cotidiano, como pegar um ônibus e ser ignorado pelas pessoas, ou se arriscar a levar um fora numa mesa de bar. O poeta, mesmo em meio a símbolos banais, sabe-se preso, tomado “pelo símbolo”, como a sua própria criação (ou sua namorada), ao acordar de manhã no poema V da subseção “Enredo e sombra para a tarde”. Trata-se, pois, de uma espécie de iluminação, que acende no lusco-fusco. Quais outros símbolos encontraríamos? Pedra, sopro, rio, algo duro e volátil. Destruição e construção. Passagem e permanência.

Quero destacar também a importância da criação para o poeta, criação, como mundo autônomo, que é tão especial para a poesia. O poeta se autodenomina no poema “Contra”: ele é cacos, palavras e ruínas. Mas cabe a ele, como portador, a construção e a ordenação desse caos. Não à toa a segunda parte do livro de Lucas dos Passos se chama “Em teu nome”, ou seja, cabe a ele falar pelo outro, despertar o outro, em uma poesia eminentemente social, mesmo nos seus disfarces. E como ele faz isso? Sabedor da dificuldade de dialogar com as coisas, das “amarras”, do “desencontro”, das “cordas-víboras”, é com a consciência da criação arriscada e constante, prestes a desmoronar (para recomeçar de novo), que o poeta encontra a paz possível, intermitente, no poema XIX, da seção “Um ano”. É uma paz atonal, meio *gauche* (este poeta também usa óculos e é ressentido?), mas ao mesmo tempo com um toque de humor, de amizade, de clareza com as possibilidades da vida. O contraponto, o fato de este poeta se mostrar também filósofo ou investigador, como nos mostra no poema XV, da seção “Um ano”, o coloca neste lugar de insatisfação, de dúvida, entre

empolgação e nó. Mas ele sabe que tudo na vida é “vício – ou risco” e ninguém dá garantias sobre quem é ele de fato. As “respostas”, amor e morte, explicitadas no poema “Anacrônico”, nada explicam, nem livram o poeta da exasperação. Mas, na verdade, não se trata de uma busca de resposta ou de sentido deliberado. O poeta não chega a tanto. Este é um livro de perguntas. De perguntas e de movimento. O resultado, a resposta, é a criação deste universo poético. E que essa “oficina irritada” seja suficiente para o leitor.

É interessante ainda observar as máscaras do poeta, que transitam, como já foi aludido, pelo filósofo e investigador das coisas. Essa postura cria rasuras (ou “ranhuras”, para aproveitar um verso de “Atonal”), múltiplas leituras que dão a graça do movimento nos poemas, ao mesmo tempo que tingem o banal de uma “dor elegante”, ao estilo Leminski, embora o eu lírico questione como pode uma dor ser elegante. Com os elementos prosaicos, uma bolsa cheia pendurada no ombro, a indiferença dos passageiros no ônibus lotado, o poeta precisa conviver com o erro, em um jogo dialético em que “sempre assusta o perigo da verdade” (PASSOS, 2016, p. 36). O que fazer diante disso? Quero ilustrar esses torneios de ser e não ser, essa “corrosão” do real, essa investigação atenta do olhar, com o poema a seguir, que vai tecendo ao leitor que uma coisa não é uma coisa (o que o olho realmente vê?), ao mesmo tempo em que é, em que o esvaziamento do banal, a conjunção de contrários, o movimento e a rede de palimpsestos criam uma atmosfera que, se por um lado conduz a certo autoconhecimento, também leva o “eu” às raias da paralisia. Fica a graça desse jogo de gato e rato ou de eterna procura – ironicamente, neste caso, sem sair do seu próprio quarto. Eis o poema “XXIV – Atonal”, que faz parte da seção “Um ano”, e da subseção “Agosto”:

Digo: a cama vazia não é uma
cama – é um mero despropósito – mas
no quarto esvaziado mantém nas
ranhuras e nos vincos restos de uma
noite que não se acaba nunca nos
melindres deste sol da manhã que
dispensa o escuro e forja sombras que –
fazendo pantomimas – conta pros

viventes só o que não aconteceu
(então não saio do ócio); nada me
fascina mais do que lençóis
tramados por gramáticas a dois
num texto que se lê pra saber se.
Digo, porque, senão, eu não sou eu (PASSOS, 2016, p. 88).

Por fim, para ilustrar um pouco mais e dar ao leitor uma breve imagem da poética de Lucas dos Passos, selecionamos, como encerramento, o poema "Infelizmente", que nos lembrou da ironia de um Drummond, especialmente no seu poema "Boca". E também, infelizmente, neste espaço, não conseguiremos abarcar todos os poemas do livro, mas esperamos que o leitor possa ter uma visão geral da qualidade de *Menos teu nome* e que possa ele mesmo acompanhar o itinerário desses versos. Acompanhemos, pois, por ora, mais um poema de Lucas dos Passos:

Infelizmente, devo constatar:
minha boca só toca a borda – mas

do copo; a outra, o corpo, só se entorta
um pouco para o outro lado, assim, ignora:

me embala em súbito silêncio; rata,
rateia, estica e esconde – o véu, o rosto;
caminha meio ébria e negaceia.

Seria amor e fogo, flor e flocos
ou, mais, birita e humor, uísque e gelo
a página virada noutra página?

Infelizmente, devo asseverar:
se amor deixou de fogo, dorme e apaga

o verso do soneto onde gravou-se,
sem rima, aquele nome (que te trouxe) (PASSOS, 2016, p. 47).

Interessante notar o soneto "disfarçado", pulverizado em uma forma aparentemente mais dispersa, ou mais jovial. É o velho soneto usado como forma para vaziar um conteúdo que é copo/corpo, perda/encontro, ausência/presença. O poeta, já de saída, abre o poema com seu lacônico "infelizmente", que é abrandado pela situação tragicômica do flerte em mesa de bar (como é possível ler). Parece que o soneto vai subindo às alturas, com sua remissão a amor e fogo

(Camões?), mas logo é “rebaixado” por “flor e flocos” e ainda mais pela “birita e humor” e “uísque e gelo”, o que nos faz pressupor que o poeta poderia concluir com um verso de Drummond, “ora viva o amendoim”, com total pertinência. O que há de doloroso no poema (sim, um “fora” é sempre doloroso) logo é transformado em uma superação, que vem a nos situar no plano da criação e do potencial da linguagem a que aludimos no início desta resenha: entre virar páginas, as de um livro e a de um flerte ou namoro, é possível construir um poema. Onde se grava o nome é justamente naquele entre-lugar de perda, de *Menos teu nome*: o verso fica gravado e esta é a estreia literária de Lucas dos Passos.

Recebida em: 27 de fevereiro de 2020.
Aprovada em: 24 de maio de 2020.